



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

**SESSÃO OSVALDO CAVANDOLI &
NORMAN MCLAREN**

em parceria com o **PLAY - Festival Internacional de
Cinema Infantil e Juvenil de Lisboa**

Duração aproximada: 38 min



LA LINEA | “A Linha”

de Osvaldo Cavandoli

Realização e animação: Osvaldo Cavandoli / **Interpretação (voz):** Carlo Bonomi

Música: Franco Godi

Produção: Télécip-Bélokapi / HDH Cinemac 2TV

COCCODRILLO | “Crocodilo”

Itália, 1972, 5 min

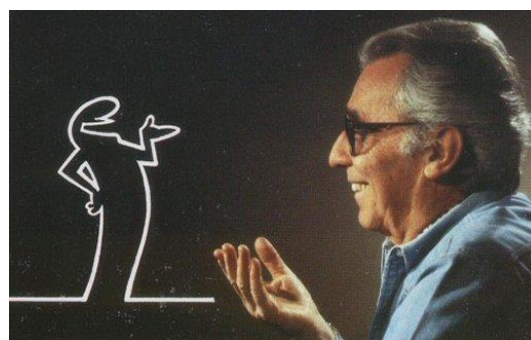
IL RICCIO | “O Ouriço”

Itália, 1979, 3 min

IL PIFFERAI0 MAGICO | “O Flautista Mágico”

Itália, 1979, 3 min

“A Linha” é uma série de animação com um personagem desenhado numa linha virtualmente infinita, da autoria de Osvaldo Cavandoli e que ganhou a sua forma icónica em dezenas de curtos episódios. Este curioso “homem-linha” narigudo depara-se com vários obstáculos ao longo de cada episódio e, muito indignado, pede sempre ao seu criador que lhe desenhe soluções. Nesta sessão, a Cinemateca Júnior exhibe três dos episódios desta animação que, nas décadas de 1970 e 1980, alcançou uma popularidade que ultrapassou as fronteiras italianas, chegando a mais de cinquenta países do mundo. Os curtos episódios de LA LINEA surgiram com frequência nos cinemas e nas emissões de televisão da época, tanto na programação infantil, como enquanto separador entre programas, aparecendo de surpresa em casa de milhares de espetadores. As divertidas falas do personagem, num dialeto inventado mas perfeitamente entendível (inspirado no *Grammelot*, com os dialetos onomatopaicos da sátira e dos palhaços italianos), não exigiam qualquer tradução, alcançando por igual crianças e adultos. Com a estética acessível e descomplicada de Cavandoli, aliada aos resmungos cómicos na voz de Carlo Bonomi, LA LINEA tornou-se num clássico de culto na animação do século XX.



CHAIRY TALE | “Era uma Vez uma Cadeira”

Canadá, 1957, 12m

Realização: Norman McLaren, Claude Jutra / **Com:** Claude Jutra / **Animação:** Evelyn Lambart **Música:** Ravi Shankar, Chantur Lal e Maurice Blackburn / **Produção:** National Film Board of Canada**LE MERLE** | “O Melro”

Canadá, 1958, 5m

Realização: Norman McLaren / **Direção de Fotografia:** Douglas Poulter / **Animação:** Norman McLaren e Evelyn Lambart / **Música:** Maurice Blackburn / **Produção:** National Film Board of Canada**CANON** | “Cânone”

Canadá, 1964, 10m

Realização: Norman McLaren e Grant Munro / **Direção de Fotografia:** Robert Humble / **Efeitos Visuais:** J. Gillissie / **Música:** Eldon Rathburn / **Som:** Ron Alexander
Produção: National Film Board of Canada

Pioneiro absoluto na animação para cinema, Norman McLaren produziu mais de sessenta filmes, criando um universo artístico centrado na animação experimental, tendo desenvolvido um vasto conjunto de técnicas de animação inovadoras. Nesta sessão, em parceria com o Festival Play, a Cinemateca Júnior apresenta três obras de Norman McLaren. Em A CHAIRY TALE, uma cadeira teimosa recusa-se veementemente a dar descanso a um homem, que a persegue com curiosidade. Com técnicas de pixilação e *stop motion*, juntamente com diferentes velocidades de película (que tornaram a cadeira supersônica), este filme foi musicado por Ravi Shankar que, também com humor, integra até elementos de tango na música tradicional indiana.



Realizado no ano seguinte, LE MERLE é animado ao som de uma canção tradicional canadiana, onde um melro perde o seu bico, asas e patas. O melro reencontra não só o que perdeu, como se multiplica no infinito da noite. LE MERLE é uma curta-metragem representativa da capacidade de McLaren de trabalhar a partir de recursos limitados: uma animação em recortes brancos sobre um fundo pastel, que resulta numa criativa e incessante dança voadora.



Por último, CANON é composto por três sequências que articulam o cânone musical com o universo visual. Como em qualquer cânone, as melodias vão surgindo sucessivamente, imitando a linha melódica original e formando assim a polifonia. A primeira sequência é uma demonstração elucidativa do cânone *Frère Jacques*, onde quatro cubos se movem de acordo com as quatro vozes (a sintetizador) desta canção de embalar. Na sequência seguinte, agora com técnica de recorte, quatro figuras coloridas dançam no ar, sob o mesmo conceito de sequências e sobreposições musicais, aqui com interpretação ao piano, e que conduz ao último segmento, o mais elaborado e revelador da grande sensibilidade criativa de McLaren. Nestes horizontes de sobreposições, o personagem é, em si mesmo, o cânone numa sequência musical e visual de variações que se sucedem. Esta sequência revela não só as capacidades ímpares da realização de McLaren e Munro, como também o humor, ao corresponder as inversões da melodia com a inversão do personagem, também ele a andar de pernas para o ar, numa sequência que, com enorme mestria, faz da rotina uma autêntica surpresa.

